

Governo considera que a situação do DF não é tão preocupante a ponto de caracterizá-la mais como uma emergência sanitária. Infectologistas e pesquisadores, porém, destacam os perigos de minimizar o impacto da doença

Pandemia ainda não acabou, alertam especialistas

» ANA ISABEL MANSUR

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Com o olhar mais desatento ao dia a dia das ruas do Distrito Federal pode se levar à ideia errônea de que a pandemia da covid-19 não é mais uma realidade na capital do país. Os brasilienses parecem estar vivendo dias de total tranquilidade, com a liberação do uso de máscaras em ambientes abertos e fechados, o fim do estado de calamidade pública e o primeiro dia sem registro de mortes pela doença desde o começo da emergência sanitária (veja **Linha do Tempo**).

A taxa de transmissão da covid-19 no DF atingiu, ontem, 0,92, e, apesar de estar dentro do limite considerado seguro — abaixo de 1 —, o resultado é o maior desde 18 de fevereiro. O número aponta que 100 pacientes com a doença podem transmiti-la, em média, para 92 pessoas. Mesmo assim, o Governo do Distrito Federal considera que a situação não é tão grave. Subsecretário de Vigilância em Saúde do DF, Divino Valero diz que não há mais pandemia na capital do país. Para ele, o cenário não caracteriza nem mesmo uma epidemia. “Não é nem uma epidemia (no DF), porque não há explosão de casos e os números estão em redução. Estamos em um bom estado no combate à doença, e o status é de controle. Eu classifico a situação do DF como um estado de alerta”, observa.

Em 13 de abril, a Organização Mundial de Saúde (OMS) manteve o estado de pandemia para a covid-19. Poucos dias depois, na direção contrária, o GDF revogou o decreto de situação de calamidade pública no DF. “Pandemia é quando uma doença está presente em vários continentes do mundo, então o papel da OMS, que responde pelo mundo, é admitir o que é lógico, que a doença está presente em nível global”, justifica Divino Valero.

O vírus ainda circula

No entanto, especialistas consultados pelo **Correio** ressaltam que não é o momento de abaixar a guarda. Integrante de um grupo de pesquisadores que acompanha a evolução da pandemia no país e no DF desde o início da crise, o professor Tarcísio Marciano, da Universidade de Brasília (UnB), discorda do subsecretário Divino Valero. Para ele, retirar a obrigatoriedade das máscaras em locais fechados foi precipitado. Somado à suspensão do item, o fim da calamidade pública implica percepção das pessoas quanto à crise. “Se passa uma mensagem para a população de que acabou a pandemia e que não há mais perigo, então podemos voltar ao normal. Mas não é bem assim. Infelizmente, o vírus ainda circula de forma significativa — claro que não tanto como foi no começo do ano”, destaca o pesquisador dos Instituto de Física.

Ele alerta para o surgimento de novas cepas do vírus. “Há sempre o perigo de uma variante surgir, inclusive que pode ser mais contagiosa e contra a qual as vacinas podem ser menos eficazes. (A pandemia) é um problema que ainda vai perdurar por um tempo, apesar da situação atual ser de relativo conforto”, completa Tarcísio, que é complementado pelo infectologista Julival Ribeiro. “A ômicron está em circulação e é uma variante altamente transmissível, inclusive com subvariantes. A doença está diminuindo, entretanto, novas ondas ainda podem acontecer”, alerta o médico. “Apesar do momento favorável, sugiro que as autoridades sanitárias

Proteção necessária: o uso de máscara, desde 10 de março, passou a ser uma decisão individual e não mais obrigatório



Pandemia no DF



Palavra de especialista

Novas variantes

Não tem como uma pandemia chegar ao fim em um país só. Se o mundo inteiro ainda está em alerta, o Brasil não pode relaxar. Os indicadores são favoráveis, sim, mas precisamos ter cautela ainda. Não é adequado, do ponto de vista científico, decretar que a pandemia acabou. A China, por exemplo, está em um momento complicado ainda. Com a globalização e a rapidez na movimentação de pessoas, não se pode baixar a guarda. Hoje, principalmente, deve-se olhar as hospitalizações por covid-19 e, como consequência, a capacidade hospitalar de absorver esses potenciais casos, além de, obviamente, acompanhar o

número de casos novos. Esses indicadores estão em níveis confortáveis, mas devem ser monitorados, para evitar uma nova sobrecarga no sistema de saúde, caso surja uma nova variante. Há consenso no mundo científico de que outras cepas vão aparecer. É uma questão de tempo. Quando acontecer, se tivermos (no DF) baixa cobertura das vacinas de reforço, como temos hoje, pode haver a superlotação das unidades de saúde, mesmo que não cause casos graves, se a eventual variante for altamente transmissível. A flexibilização das medidas de segurança é compreensível e aceitável até certo ponto. Acredito que o uso de máscaras deveria continuar obrigatório em locais

Cuidados

A também infectologista Ana Helena Germoglio destaca, com ressalvas, que o não registro de mortes em 24 horas é um excelente

fechados. A vida normal não vai ser como era em 2019, será uma nova realidade, onde vamos ter de aprender a conviver com o coronavírus. Algumas medidas, eventualmente, terão de ser reforçadas e, em outras épocas, poderão ser afrouxadas, mas o monitoramento desse tipo de situação será constante.

Neste momento, em que a pandemia não acabou mas temos de ficar atentos, pelo menos o comprovante de vacinação e o distanciamento social deveriam ser mantidos mesmo em locais abertos.

Mauro Sanchez, epidemiologista e vice-coordenador da Sala de Situação da Universidade de Brasília (SDS/FS)

sinal. “Significa que a imunização realmente cumpriu o que prometeu: a diminuição do risco de casos graves e óbitos. Essas quedas mostram que podemos tentar voltar a uma vida minimamente segura.

Cada um deve fazer a sua gestão individual de risco”, ressalta a médica, que sugere a manutenção das medidas de segurança por pessoas dos grupos de risco. Ela confirma a opinião dos colegas. “A gente precisa pensar (a pandemia) de forma global. Com a dinâmica de circulação de pessoas, não podemos pensar que os casos se restringem somente ao Brasil ou ao DF, justamente agora, que tem havido aumento de casos em alguns estados, principalmente casos graves em pessoas sem o esquema vacinal completo”, aponta.

A especialista destaca a importância da vacinação. “A imunização não pode ser pensada individualmente. Não adianta, por exemplo, o Brasil ter boa parte da população imunizada e alguns países não. Isso faz com que a circulação viral seja alta nesses locais, com grande propensão de surgimento de novas variantes. A imunização nada mais é do que uma forma de empatia, porque reduz a chance de transmitir a doença para outras pessoas”, continua.

Ela também chama a atenção para o surgimento de novas cepas. “Na África, há a identificação de

» Calamidade

O Decreto nº 41.882, de 8 de março de 2021, foi revogado pelo governador Ibaneis Rocha, em 18 de abril de 2022, um dia após o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional, determinada pelo Ministério da Saúde. O texto mantinha o DF sob estado de calamidade pública por conta da pandemia da covid-19. Na prática, a derrubada da norma mudou regras para obtenção de recursos públicos para políticas de assistência social, ações urgentes na área da saúde e para o setor produtivo. A regra desobrigava o GDF a seguir a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF); permitia o acesso a recursos da União e a benefícios sociais de maneira antecipada; e liberava o adiamento do pagamento de empréstimos federais obtidos pelo DF. Com a revogação, as necessidades de cumprimento da legislação e de cobrança de tributos previstos constitucionalmente foram retomadas.

» Boletim

A Secretaria de Saúde do DF registrou apenas uma morte em decorrência da covid-19 ontem, ocorrida em setembro de 2021. A vítima, uma mulher entre 70 e 79 anos, era obesa e sofria de distúrbios metabólicos e problemas cardíacos. Desde o início da pandemia, o DF perdeu 11.652 vidas para a covid-19. Com mais 360 casos da doença registrados ontem, a capital do país soma 696.847 infecções. A média semanal de mortes chegou a 1,6 — o segundo menor índice do ano. O cálculo móvel para os casos alcançou 179,4. Os dois indicadores estão em queda, na comparação com os resultados de 14 dias atrás.

novas variantes, que não sabemos ainda se serão de interesse ou de preocupação. Claro que estamos mais perto do que longe (do fim da pandemia), mas ainda há um longo caminho a percorrer”, completa Ana Helena Germoglio.